

FRONTEIRAS DE SANGUE NO ESPAÇO PLATINO: RECRUTAMENTOS, DUELOS, DÉGOLAS E OUTRAS BARBARIDADES

**“Pois então degola”: representações da barbárie sobre
campeiros e milicianos no século XIX**

*Cesar Augusto Barcellos Guazzelli**

Um dos raros que chegou a dialogar com o carrasco Adão Latorre foi o estancieiro Maneco Pedroso, de Piratini:

– Adão, quanto vale a vida de um homem valente e de bem?

– Valente, eu sei que é, mas, pelo que já andou assassinando, duvido que seja homem de bem. E a tua vida não vale nada, porque está no fio da minha adaga e não há dinheiro que pague.

Pedroso jogou a própria cabeça para trás, mostrando o pescoço, e gritou:

– Então degola de uma vez, negro filho da puta..
 (“Noventa e três” – Barbosa Lessa)

No Rio Grande do Sul do século XIX, como em todo o espaço platino, as guerras se caracterizaram pelo emprego da cavalaria ligeira e pelo uso quase exclusivo das armas brancas; não só eram muito escassas as peças de artilharia, como também as armas de fogo de uso pessoal. A arma por excelência da cavalaria era a lança, facilmente improvisada atando-se uma ponta metálica a uma taquara de três a quatro metros. Também a boleadeira indígena era uma terrível arma, tanto de arremesso quanto na forma de um martelo medieval; e não faltavam, decerto, as adagas e facões para os combates corpo a corpo.

* Professor Doutor Adjunto do Departamento de História e do PPG em História da UFRGS. E-mail: cesargua@bol.com.br

Pode-se perceber que a guerra não trazia modificações de maior monta ao cotidiano dos que compunham as tropas irregulares ou *montoneras*¹. A cavalaria exigia soldados que montassem muito bem e que fossem destros no uso das armas brancas, as mesmas habilidades que eram necessárias nas estâncias de criação; como escreveu Borges no conto "O outro duelo", "a vida do soldado não era mais dura que a do gaúcho. Dormir ao ar livre, sobre os arreios, era algo a que estavam acostumados; matar homens não custava muito para uma mão que tinha o hábito de matar animais." (BORGES, 1976: 86) Esse convívio diuturno com a morte teria feito dos gaúchos soldados implacáveis, dando fim aos vencidos sem maiores problemas de consciência. Afirma Fernando Assunção:

La muerte del animal es para ellos algo tan natural, instantáneo y normal, de mínimo valor y simplicidad, como luego es comerlo. La crueldad está bien lejos de su razón. Por eso la muerte de otro hombre se toma con la misma aparente frialdad, con la naturalidad, con el mismo fatalismo, si se prefiere (ASSUNÇÃO, 1958: 573).

O uso da faca não se dava apenas no trabalho, e era motivo permanente de queixas a presença de *malentretidos* nos *boliches* e *pulperias*, aproveitando-se da ociosidade para confusões e arruaças. Nesses locais, estimulados pelas apostas no *truco* ou no jogo da *taba*, ou disputando os favores das *chinas*, eram freqüentes os duelos de arma branca. Por vezes tinham caráter apenas competitivo, como adverte Sarmiento:

El gaucho, a la par de jinete, hace alarde de valiente, y el cuchillo brilla a cada momento, describiendo círculos en el aire, a la menor provocación, o sin provocación alguna, sin otro interés que medirse con un desconocido; juega a las puñaladas, como jugaría a los dados. (...) Su objeto es sólo 'marcarlo', darle una tajada a la cara, dejarle una señal indeleble (SARMIENTO, 1952: 42).

Também a literatura rio-grandense nos brinda com exemplos dessas disputas. No conto "Deve um Queijo!...", Simões Lopes Neto descreve o comportamento provocador de um castelhano, "como para dar mote a algum dito, e ele retrucar, e, daí, nascer uma cruzada de facões, para divertir, ao primeiro coloreado..." (LOPES

¹ Expressão usada pelos realistas, cercados em Montevideo, para denegrir as forças irregulares artiguistas; derivada de *montón*, a chusma, plebe (ANSALDI, 1976: 127).

NETO, 1976: 41-42). Também é um duelo desse tipo que Barbosa Lessa apresenta no conto "O Boi das Aspas de Ouro", onde se procurava provar "que o índio fosse valente - jogando o 'primeiro sangue' com três qüeras, sem receber arranhão" (BARBOSA LESSA, 1978: 53).

Mas algumas dessas lutas culminavam em mortes. José Hernández mostra o início da carreira de *gaucho malo* de Martín Fierro iniciando numa provocação feita a um negro num baile: "Me hirvió la sangre en las venas / Y me la afirmé al moreno / Dándole de punta y hacha / Pa dejar un diablo menos. Por fin en una topada / En el cuchillo lo alcé / Y como un saco de güesos / Contra un cerco lo largué" (HERNÁNDEZ, 1945: 211). Poucos dias depois, Fierro cometeu seu segundo homicídio²: "Y ya salimos trensaos / Porque el hombre no era lerdo - / Mas como el tino no pierdo / Y soy medio ligerón, / Lo dejé mostrando el sebo / De un revés con el facón" (Id., p. 216). A partir de então ele será perseguido pela polícia, e terminará buscando asilo nas *tolderías indígenas*.

Na obra de João Simões Lopes Neto, o homicídio por ciúmes é o clímax do conto "Jogo do Osso", quando Chico Ruivo assassina Osoro e Lalica: "Do mesmo talho varou os dois corações, espetou-os no mesmo ferro, matou-os da mesma morte, fazendo os dois sangues, num de cada peito, correrem juntos num só derrame..." (LOPES NETO, 1976: 101). É, porém, em "O Negro Bonifácio" que uma briga de arma branca atinge sua maior dramaticidade, quando o atrevido Bonifácio enfrenta dezenove adversários num confronto desigual: "Em quatro paletadas, desmunhecando uns, cortando outros, esgaravando outros, enquanto o diabo esfrega um olho, o chão ficou estivado de gente estropiada, espirrando a sangueira naquele reduto" (Id., p.19). A postura altaneira associada à maldade do negro num mundo dominado pelos brancos justifica aqui a sanha coletiva de exterminar o ofensor, que reagiu criando uma situação de extrema violência.

Assim como esses há muitos exemplos na literatura. De maneira geral, esses crimes são atribuídos mais a questões de honra e brio do que propriamente a um perfil de delinqüência dos gaúchos. O criminoso, mesmo sofrendo a perseguição das autoridades, tem possibilidades de safar-se, contando com a

² A morte do índio quando serviu na fronteira fez parte dos seus deveres como soldado, logo não foi considerada um ato criminoso.

proteção de alguns gaúdos se for bem relacionado:

Si sucede una 'desgracia', las simpatías están por el que desgració; el mejor caballo le sirve para salvarse a parajes lejanos, y allí lo acoge el respeto o la compasión. Si la justicia le da alcance, no es raro que haga frente, y si 'corre la partida', adquiere un renombre desde entonces, que se dilata sobre una ancha circunferencia (SARMIENTO, 1952: 43).

Se considerarmos as características das milícias irregulares que os caudilhos platinos formavam era bastante aceitável que nelas fossem incorporados gaúchos de outros pagos, conhecendo-se ou não suas histórias pregressas, e tais guaridas garantiam aos chefes aquelas lealdades pessoais fundamentais para as *montoneras* do século XIX.

A guerra de cavalaria ligeira, o abate dos animais no cotidiano, o duelo de adagas nas *pulperias*, por esporte ou para valer, apontam para um homem do campo no qual o trabalhador e o guerreiro são indissociáveis, e para quem a morte cruenta faz parte do dia a dia, sendo até uma questão de honra, como no "Juca Guerra" de Simões Lopes: "Aquila, era para ficar na coxilha, picado de espada, rachado de lanças, mas não para morrer como foi, aperreado em cima da cama, o corpo besuntado de unturas, a garganta entupida de melados e pozinhos dos doutores!..." (LOPES NETO, 1976: 117). Não pensava diferente o capitão Rodrigo Cambará, um dos personagens mais populares de "O Continente": "Cambará macho não morre na cama!" (VERÍSSIMO, 1987: 203).

Mas se era "natural" ou até preferível a morte violenta, numa sociedade também violenta, não se pode dizer o mesmo da degola dos prisioneiros inermes, sem possibilidades de reação. Diferentemente da guerra ou do duelo, dos combates individuais ou coletivos, onde há homens de parte a parte, a degola é o ato de execução que faz do adversário um animal de pouco valor, a ovelha, que é o único abatido pela degola, e que sequer bale ao ser esgorjada. São justamente os cordeiros que invariavelmente aparecem representados nos sacrifícios do Antigo e do Novo Testamento, como se a imolação fizesse parte de suas naturezas. Assim, pela degola, um homem se degrada como vítima sacrificial, como a mais inerte das criaturas, e esta morte desonrosa tem pouco a ver com a dignidade apregoada para aquela que pode suceder nos campos de batalha aos verdadeiros guerreiros.

Fernando Assunção chama a atenção para o aspecto "humanitário" que poderia ter a degola, no caso de poupar sofrimentos desnecessários aos gravemente feridos, ou mesmo da perda da liberdade, insuportável para os gaúchos:

Hay una actitud archiconocida del gaucho en el combate (personal o colectivo), la llamada 'despenar' al mal herido, que ha sido señalada muchas veces como demostración de su crueldad o de su espíritu sanguinario. Todo lo contrario. El gaucho realiza con ello, a su juicio, un acto de piedad: 'despenar' es liberar, liberar del dolor, esclavitud de la carne y del espíritu. Nunca se rehusa este 'servicio' ni al compañero caído, ni al adversario vencido. Muchas veces se degolló a los prisioneros por necesidad (ASSUNÇÃO, 1958: 574).

Mas não foi nessa forma de "eutanásia" que as degolas se propagaram por todo o Prata. O farroupilha Antônio Vicente da Fontoura atribuía aos orientais essa usança, escrevendo em 26 de janeiro de 1844 sobre "a ferocidade dos partidos que, no país Oriental, enxovalhando a humanidade, se degolam, ao aprazimento de seus mesquinhos e envilecidos tiranos" (FONTOURA, 1984: 34).

No seu célebre "Facundo", Sarmiento numa das tantas diatribes contra Rosas afirmava que seus hábitos sanguinários tinham raízes na sociedade rural do Rio da Prata: "Rosas no há inventado nada; su talento ha consistido sólo en plagiar a sus antecesores, y hacer de los instintos brutales de las masas ignorantes un sistema meditado y coordinado friamente." Em continuação, atribuiu a Rosas o uso corriqueiro da degola como uma das tantas usanças dos *gauchos* que assumia para reinar sobre as massas rurais:

El ejecutar con el cuchillo, 'degollando' y no fusilando, es un instinto de carnicero que Rosas ha sabido aprovechar para dar todavía a la muerte formas gauchas, y al asesino placeres horribles; sobre todo, para cambiar las formas 'legales' y admitidas en las sociedades cultas, por otras que él llama americanas y en nombre de las cuales invita a la América a que salga en su defensa (...) (SARMIENTO, 1952: 48).

No já citado conto "O outro duelo" de Jorge Luis Borges, a degola é central na ação que se passa em 1870. Os desafetos Cardoso e Silveira foram arregimentados pelos *blancos*; na véspera de um combate decisivo, "Cardoso conseguiu chegar arrastando-se à tenda do chefe e lhe pediu em voz baixa que se ganhassem no dia seguinte reservasse para ele algum colorado, porque até então não

degolara ninguém e queria saber como era”. Foram os *colorados*, no entanto, que ganharam o combate, e “o chefe, ferido gravemente, rendeu-se. Ali mesmo, a seu pedido, livraram-no das suas penas” (BORGES, 1976: 87). Ordenada a execução dos prisioneiros, coube a Cardoso e Silveira disputarem um duelo macabro, uma “carreira” depois de degolados:

Pardo, vaidoso do que ia fazer, caprichou na mão e deu um corte vistoso que ia de uma a outra orelha. O correntino contentou-se com um pequeno talho. Das gargantas brotou um jato de sangue, os homens deram uns passos e caíram de bruços. Cardoso, na queda, estirou os braços. Ganhara a corrida e talvez jamais soubesse disto (Id., p.90).

A degola é também o tema do conto “Noventa e três”³ de Barbosa Lessa. Após salientar que a “espiral de violência começou por uma degola de prisioneiro aqui, outra degola de prisioneiro ali” (BARBOSA LESSA, 1978: 135), o autor aborda os dois episódios marcantes da Revolução de 1893: o massacre do Rio Negro, onde foram executados trezentos prisioneiros republicanos, e a revanche do Boi Preto, quando foram chacinados trezentos e setenta maragatos.

No primeiro, o principal personagem foi o negro Adão Latorre, capataz do general federalista Joca Tavares, a quem foram atribuídos todas as degolas do Rio Negro. A motivação para a matança coletiva seria a presença entre os picapaus de muitos mercenários uruguaios; Latorre, ele próprio nascido em Rivera, identificava a nacionalidade dos vencidos pedindo que “que o condenado dissesse ‘doiz pauzinhos’ ou alguma palavra com a letra portuguesa jota” (Id., p.136). Lessa descreve como “eficientes, rápidos e, principalmente silenciosos”, dois tipos de degola:

Maneados, com as mãos às costas, o prisioneiro era obrigado a ajoelhar-se; então o degolador vinha por trás, montava em seus ombros, e com a mão esquerda puxava-lhe o cabelo para cima e, com a mão direita, levava-lhe a adaga ao pescoço, seccionando com dois cortes as carótidas. Ou o condenado, também com as mãos amarradas às costas, era deitado ao chão; o carrasco sentava sobre suas coxas, calcando-lhe o queixo com o taco da bota; assim, o

³ Não por acaso, é homônimo do romance de Vítor Hugo; ao contrário deste, que mostra momentos de grandeza em pleno Terror da Revolução Francesa, aqui o autor desvela a pequenez do espírito humano.

queixo ficava bem levantado e era mais fácil correr o fio da adaga à 'moda crioula', isto é, de uma orelha a outra orelha (Id., p.137).

Tabajara Ruas e Elmar Bones, que realizaram importante pesquisa sobre a Revolução Federalista para a biografia de Gumercindo Saraiva, mostraram mais alternativas nos métodos de Adão Latorre, como degolar "por dentro" ou "por fora":

Por dentro, quando enfiava a faca atrás de traquéia e dava um golpe seco para a frente, atorando-a, e pegando as jugulares e a carótida. Por fora, simplesmente seccionando essas veias e artérias e a traquéia, produzindo o esguicho forte do sangue, borbulhante pela mistura com o ar, e com os roncos feios e gemidos num arquejar de suprema ânsia (...). (RUAS & BONES, 1998: 198).

Aquelas duas situações descritas por Lessa correspondem ao método "por fora", ao passo que o "por dentro" é exatamente aquele utilizado no abate de ovelhas. Os autores ainda acrescentam aquela forma mais sádica que motivou o conto de Borges:

Numa estranha variação do espetáculo macabro, também 'atendia' a vítima de pé. E gostava de ver o pobre-diabo de mãos amarradas nas costas, ainda dar uns passos à mercê dos movimentos medulares e involuntários, até cair de borco no chão... estrebuchando... (Id., p.198).

A vingança dos republicanos no Boi Preto não foi menos truculenta, até para fazer jus à orientação de Júlio de Castilhos de que "ao inimigo não se poupa". Aprisionados trezentos e sessenta e sete maragatos, quarenta e cinco trocaram de lado e foram poupados, enquanto para os restantes o coronel Firmino de Paula "passando rapidamente o dedo indicador pelo próprio pescoço, deu o sinal para a degola. Era a revanche do sítio do Rio Negro." (BARBOSA LESSA, 1978: 139). Aqui também se fez presente a modalidade "de pé":

Na pressa, porque o serviço era muito, alguns dos carrascos nem esperavam que o condenado ajoelhasse, ou se deitasse para receber a bota nos queixos: a adaga relampejava com o vivente ainda de pé, e o defunto ainda dava uns quatro ou cinco passos, cambaleantes, espirrando sangue em volta até esborrachar-se no chão (Id., p.140).

Em ambos os casos, Barbosa Lessa compara a execução dos prisioneiros ao abate das reses. No massacre do Rio Negro, escreve: "Encerrado no manguairão o gado humano, foi dada a

ordem para que saíssem, de um a um" (Id., p.136) Na chacina do Boi Preto, faz um trocadilho afirmando que "eram bois pretos, brancos, mulatos, chirus" (Id., p.139). Mesmo tentando um relato "histórico" e com distanciamento, o autor não pode evitar a indignação pelas mortes desnecessárias de "infelizes, em sua maioria, rudes peões (*sic*) de fazenda ou pobres ervateiros e madeireiros, que nem sabiam por que estavam morrendo" (Id., p.140).

Uma menos conhecida repercussão das degolas platinas, foi aquela que resultou do esforço militar realizado no Rio Grande do Sul para a grande campanha militar que a República movia contra Canudos. Em seu livro já clássico, Euclides da Cunha informa que dentre forças de todos os estados estavam os batalhões "12º, 25º, 30º, 31º, 32º, do Rio Grande do Sul" (CUNHA, s.d.: 288). Mais que isso, esses rio-grandenses, muitos deles veteranos da Revolução Federalista, foram treinados pelo coronel Carlos Teles como força de cavalaria, aplicando na caatinga o mesmo tipo de guerra que empregavam nos pampas (Id., p. 317).

Esses lanceiros assumiram algumas funções ímpares no teatro de operações. A primeira delas foi como exploradores, o que era facilitado pelo deslocamento rápido, como escreve o autor: "O esquadrão de lanceiros descobria o inimigo. Abeirara-se, galopando, dos entrincheiramentos grosseiros e vira-os de relance" (Id., p.320). Outro papel muito importante foi a procura e captura de reses, visto que o abastecimento das tropas estava numa situação muito precária, e era alvo de emboscadas dos jagunços (Id., p. 336).

No entanto, a mais surpreendente contribuição da cavalaria ligeira rio-grandense seria no ataque às defesas do arraial, que resistia ao bombardeio da artilharia por vários dias. Euclides da Cunha descreve a ofensiva de duas brigadas, sendo que o "esquadrão de lanceiros, entre ambas, carregaria pelo centro", comandado pelo coronel Teles, que "atravessou com a sua gente todo o trecho do campo varejado de balas" (Id., p. 322-323).

Essas novidades trazidas pela cavalaria gaúcha eram, no entanto, acompanhadas de uma outra usança não tão nobre: da mesma forma que em noventa e três, os prisioneiros já indefesos eram miseravelmente degolados:

Chegando à primeira canhada encoberta, realizava-se uma cena vulgar. Os soldados impunham invariavelmente à vítima um viva à República, que era poucas vezes satisfeito. Era o prólogo invariável de

uma cena cruel. Agarravam-na pelos cabelos, dobrando-lhe a cabeça, esgargalando-lhe o pescoço; e, francamente exposta a garganta, degolavam-na (Id., p.439).

Ainda que não fosse essa a conduta do principal comandante, está genericamente de acordo com as informações de Euclides da Cunha: "Tínhamos valentes que ansiavam por essas cobardias repugnantes, tácita e explicitamente sancionadas pelos chefes militares" (Id., p.439). Também aqui apareciam os carrascos voluntários para as execuções coletivas, das quais em algumas ocasiões nem mesmo as mulheres eram poupadas, como no episódio que narra:

Fizera-se uma concessão ao gênero humano: não se trucidavam mulheres e crianças. Fazia-se mister, porém, que se não revelassem perigosas. (...) Aquela mulher, aquele demônio de anáguas, aquela bruxa agourentando a vitória próxima - foi degolada... (Id., p.443).

Prática pouco usual no Nordeste⁴, a "gravata colorada" ampliou seu raio de ação do âmbito platino e sul-rio-grandense para os sertões, por certo uma forma bizarra e macabra de contribuição cultural.

Mas os gaúchos tiveram características peculiares como guerreiros, intimamente relacionadas com condições também específicas nas lides das estâncias. Peões de "a cavalo", mais milicianos guardando as propriedades móveis dos patrões, viam nas guerras quase que continuidades dos trabalhos rotineiros. O mesmo ginete que arriscava a vida diariamente com as reses *cimarronas*, comparecia como cavaleiro invulgar nas *montoneras*, manejando a lança com a mesma habilidade que o fazia com laço e boleadeiras. E nessas sociedades onde era mister o uso da adaga afiada para courear ou carnear as reses, também era o facão que definia quem era o melhor no "primeiro sangue", ou quem sobreviveria a uma "tora" por desaforo, dinheiro ou mulher. Matar reses ou matar homens, fazia parte da existência de todos.

⁴ Depoimento do cangaceiro Volta Seca: "Era corrente dizer, também, que os cangaceiros degolavam os inimigos. Puro engano. O nordestino prefere outros meios, muito embora no bando houvesse alguns cangaceiros que gostassem de matar com o punhal" (QUEIROZ, 1977: 168).

Mas há uma grande diferença entre uns e outros. É verdade que também os estancieiros-comandantes, vez por outra, fossem vítimas dos excessos, mas não se tem notícia de algum morticínio em massa quando entregues à mercê dos adversários vencedores. De modo geral, para os patrões ficavam os lenços, insígnias políticas; para a plebe rural, por baixo dos lenços aplicavam a "gravata colorada".

Referências bibliográficas

ANSALDI, Waldo. Montoneras. In: VÁRIOS. *Términos Latinoamericanos para el Diccionario de Ciencias Sociales*. Buenos Aires: CLACSO-ILDIS, 1976.

ASSUNÇÃO, Fernando O. *El Gaucho*. Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay. Montevideo:1958-1959, Tomo XXIV, p.370-918.

BARBOSA LESSA, Luiz Carlos. *Rodeio dos Ventos*. Porto Alegre: RBS / Editora Globo, 1978.

BORGES, Jorge Luís. *O Informe de Brodie*. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões. Campanha de Canudos*. São Paulo: Círculo do Livro, sem data.

FONTOURA, Antônio Vicente. *Diário. De 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845*. Caxias do Sul: EDUCS/Sulina/Martins, 1984.

HERNÁNDEZ, José. *Martin Fierro*. Buenos Aires: Estrada Editores, 1945.

LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos*. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Os Cangaceiros*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

RUAS, Tabajara & BONES, Elmar. *A cabeça de Gumercindo Saraiva*. São Paulo: Record, 1998.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo o Civilizacion y Barbarie*. Buenos Aires: Editorial Sopena Argentina, 1952.

VERÍSSIMO, Érico. *O Tempo e o Vento. O Continente*. Porto Alegre: Globo, 1987, v. 1.